

A Juventude Revolução é uma organização de jovens contra a exploração, a opressão e a guerra e na luta pelo socialismo no Brasil e no mundo. Nós surgimos da necessidade que todos os jovens tem de lutar pelos nossos direitos. Somos a Seção Brasileira da Internacional Revolucionária da Juventude (IRJ) organização que reúne jovens de mais de 25 países.

Lutamos pelo direito da juventude ter um futuro de verdade sem guerras, drogas e violência. Queremos educação, trabalho diversão e arte! Por isso rejeitamos o capitalismo, sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção, que explora e oprime os trabalhadores e a juventude.

Realizamos nosso 9º Encontro Nacional da JR - Anderson Luis em julho de 2006 onde definimos os objetivos da JR:

- a) *Lutar pela união da juventude na luta por suas reivindicações;*
- b) *Lutar contra as guerras e a exploração;*
- c) *Lutar contra as drogas e o narcotráfico;*
- d) *Combater pela independência das entidades estudantis;*
- e) *Defender a educação pública e lutar pelo acesso a diversão e arte;*
- f) *Lutar pelo fim da propriedade privada dos meios de produção.*

Conheça a Juventude Revolução!

Organize um núcleo da Juventude Revolução!

Juventude
REVOLUÇÃO



SEÇÃO BRASILEIRA DA
INTERNACIONAL
REVOLUCIONÁRIA DA
JUVENTUDE

WWW.JR-IRJ.ORG • CONTATO @ JR-IRJ.ORG

SEÇÃO BRASILEIRA DA
INTERNACIONAL
REVOLUCIONÁRIA DA
JUVENTUDE



Juventude
REVOLUÇÃO



SOBRE A AUTORIDADE

Friedrich Engels

PREÇO: R\$1,00 • SOLIDÁRIO: R\$3,00

COLEÇÃO CADERNOS DA JUVENTUDE REVOLUÇÃO

Junho de 2007

SOBRE AUTORIDADE
Friedrich Engels

Escrito em Outubro de 1872 - Março de 1873. Publicado em Dezembro de 1873 na colectânea «Almanacco Republicano per l'anno de 1874».

Produzida pelo Conselho Nacional da Juventude Revolução

JUVENTUDE REVOLUÇÃO

SEÇÃO BRASILEIRA DA INTERNACIONAL REVOLUCIONÁRIA DA JUVENTUDE (IRJ)

ENTRE EM CONTATO:

contato@jr-irj.org • www.jr-irj.org

© Copyleft – É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que mantida os créditos e esta nota.

BIOGRAFIA DE FRIEDRICH ENGELS

Principal colaborador de Karl Marx, Engels desempenhou papel de destaque na elaboração da doutrina comunista.

Nasceu em 28 de novembro de 1820 e morreu em 5 de agosto de 1895. Era filho de um rico industrial de Barmen (Alemanha), é o principal colaborador de Karl Marx na elaboração das teorias do materialismo histórico.

Na juventude, fica impressionado com a miséria em que vivem os trabalhadores das fábricas de sua família.

*Quando estudante, adere a idéias de esquerda, o que o leva a aproximar-se de Marx. Assume por alguns anos a direção de uma das fábricas do pai em Manchester e suas observações nesse período formam a base de uma de suas obras principais: **A situação das classes trabalhadoras na Inglaterra, publicada em 1845.***

*Muitos de seus trabalhos posteriores são produzidos em colaboração com Marx, o mais famoso deles é o **Manifesto Comunista** (1848). Escreve sozinho, porém, algumas das obras mais importantes para o desenvolvimento do Marxismo, como **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia alemã, Do socialismo utópico ao científico e A origem da família, da propriedade privada e do Estado.***

autonomia como de um princípio absolutamente bom. A autoridade e a autonomia são coisas relativas, cujas esferas variam nas diferentes fases do desenvolvimento social. Se os autonomistas se limitassem a dizer que a organização social do porvir restringirá a autoridade até o limite estrito em que as condições da produção a façam inevitável, poderíamos entender; porém, longe disso, permanecem cegos para todas as ações que fazem a coisa necessária e arremetem com furor contra a palavra.

Por que os anti-autoritários não se limitam a vociferar contra a autoridade política, contra o Estado? Todos os socialistas estão de acordo em que o Estado político, e com ele a autoridade política, desaparecerão como conseqüência da próxima revolução social, isto é, que as funções públicas perderão seu caráter político, tornando-se simples funções administrativas, chamadas a cuidar dos verdadeiros interesses sociais. Porém os anti-autoritários exigem que o Estado político autoritário seja abolido em uma canetada, ainda antes de terem sido destruídas as condições sociais que o fizeram nascer. Exigem que o primeiro ato da revolução social seja a abolição da autoridade. Estes senhores nunca viram uma revolução? Uma revolução é, indubitavelmente, a coisa mais autoritária que existe; é o ato por meio do qual uma parte da população impõe sua vontade à outra parte por meio de fuzis, baionetas e canhões, meios autoritários se preciso; e o partido vitorioso, se não quer ter lutado em vão, tem que manter este domínio pelo terror que suas armas inspiram aos reacionários. A Comuna de Paris teria durado por acaso um só dia se não houvesse utilizado essa autoridade de povo armado frente aos burgueses? Não podemos, pelo contrário, censurar-lhe o não se haver servido o bastante dela?

Deste modo, uma das duas: ou os anti-autoritários não sabem o que dizem, e neste caso não fazem mais que espalhar a confusão; ou o sabem, e neste caso traem o movimento do proletariado. Em um e no outro caso, servem à reação.

SOBRE A AUTORIDADE

Alguns socialistas empreenderam ultimamente uma verdadeira cruzada contra o que eles chamam princípio de autoridade. Basta que lhes digam que este ou aquele ato é autoritário para que o condenem. Até tal ponto abusam deste método sumário de proceder, que não há outro remédio senão examinar a coisa um pouco mais de perto. Autoridade, no sentido de que é tratado, quer dizer: imposição da vontade de outro à nossa; autoridade pressupõe, por outro lado, subordinação. Contudo; por piores que soem essas duas palavras e por mais desagradável que seja para a parte subordinada a relação que representam, a questão está em saber se há meio de prescindir dela, se – dadas as condições atuais da sociedade – podemos criar outro regime social no qual esta autoridade já não tenha sentido e no qual, portanto, deva desaparecer. Examinando as condições econômicas, industriais e agrícolas, que constituem a base da atual sociedade burguesa, nos deparamos com que tendem a substituir cada vez mais a ação isolada pela ação combinada dos indivíduos. A indústria moderna, com grandes fábricas e oficinas, cujas centenas de operários cuidam do andamento de máquinas complicadas movidas a vapor, veio ocupar o posto da pequena oficina do produtor isolado; as carruagens e as carroças para longas distâncias foram substituídas pela ferrovia, assim como as galeras e barcas foram pelos barcos a vapor. A própria agricultura vai caindo pouco a pouco sob o domínio da máquina e do vapor, os quais substituem, lenta mas inexoravelmente, os pequenos proprietários pelos grandes capitalistas, que cultivam, com ajuda de operários assalariados, grandes extensões de terra. A ação coordenada, a complicação dos procedimentos, submetidos uns aos outros, substitui em toda parte a ação independente dos indivíduos. E quem diz ação coordenada diz organização; no entanto, é possível organização sem autoridade?

Suponhamos que uma revolução social tivesse derrubado os

capitalistas, cuja autoridade dirige hoje a produção e a circulação da riqueza. Suponhamos, para nos colocarmos inteiramente no ponto de vista dos anti-autoritários, que a terra e os instrumentos de trabalho tivessem-se convertido em propriedade coletiva dos operários que os utilizam. Teria desaparecido a autoridade, ou não haveria feito mais que trocar de forma? Vejamos.

Tomemos, a modo de exemplo, uma fábrica de fios de algodão. O algodão, antes de transformar-se em fio, tem que passar, pelo menos, por seis operações sucessivas; operações que são executadas, em sua maioria, em diferentes estágios. Além disso, para manter as máquinas em movimento, é necessário um engenheiro que cuide da máquina de vapor, mecânicos para os consertos diários e, ainda por cima, muitos peões destinados a transportar os produtos de um lugar a outro etc. Todos estes operários, homens, mulheres e crianças, estão obrigados a começar e terminar seu trabalho à hora indicada pela autoridade do vapor, que zomba da autonomia individual. Primeiro é necessário, então, que os operários se coloquem de acordo sobre as horas de trabalho; a estas horas, uma vez fixadas, permaneçam submetidos todos sem nenhuma exceção. Depois, em cada lugar e a cada instante surgem questões de pormenores sobre o modo de produção, sobre a distribuição dos materiais etc., questões que têm que ser resolvidas logo, sob pena de que se detenha imediatamente toda a produção. Quer se resolvam pela decisão de um delegado colocado à frente de cada ramo de produção ou quer pelo voto da maioria, se isso fosse possível, a vontade de alguém terá sempre que subordinar-se; isto é, que as questões serão resolvidas autoritariamente. O mecanismo automático de uma grande fábrica é muito mais tirânico que os pequenos capitalistas que empregam operários jamais o foram. Na porta destas fábricas, poderia-se escrever, pelo menos no que se refere em relação às horas de trabalho: *Lasciate ogni autonomia, voi che entrate!*¹ Se o homem, com a ciência e o gênio inventivo, submete as forças da natureza, estas se vingam dele submetendo-o, enquanto as utiliza, a

(1) - “*Vós que aqui entráis, abandonai toda a autonomia!*” - Trata-se de um paralelismo ao texto original de Dante Alighieri, A Divina Comédia. Chegando Virgílio e Dante à entrada do inferno, este se assombra com a inscrição que se lê no portal: “*Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate*” - “*Deixai toda esperança, ó vós que entráis*”. ALIGHIERI, Dante. A divina comédia: inferno. Tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. Edição bilingüe. São Paulo: Ed. 34, 1998. Canto III, p. 37.

um verdadeiro despotismo, independentemente de toda organização social. Querer abolir a autoridade na grande indústria, é querer abolir a própria indústria, é querer destruir as fábricas de fios a vapor para voltar à roca.

Tomemos, para colocar outro exemplo, uma ferrovia. Também aqui é absolutamente necessária a cooperação de uma infinidade de indivíduos, cooperação que deve acontecer em horas muito precisas, para que não se produzam desastres. Também aqui, a primeira condição para que a empresa avance é uma vontade dominante que determine todas as questões secundárias. Esta vontade pode estar representada por um só delegado ou por um comitê encarregado de executar os acordos de uma maioria de interessados. Tanto em um como em outro caso existe autoridade bem pronunciada. Mais ainda: o que aconteceria com o primeiro trem que desse partida, se fosse abolida a autoridade dos funcionários da ferrovia sobre os senhores viajantes?

Porém, onde mais salta aos olhos a necessidade da autoridade, e de uma autoridade imperiosa, é em um barco em alto-mar. Ali, no momento de perigo, a vida de cada um depende da obediência instantânea e absoluta de todos à vontade de um só.

Quando coloquei semelhantes argumentos aos mais furiosos anti-autoritários, não souberam-me responder mais que isto:

“Ah! Isso é verdade, mas aqui não se trata de que nós demos ao delegado uma autoridade, e sim uma responsabilidade!” Estes senhores crêem mudar a coisa mudando-lhe o nome. Eis aqui como zombam do mundo estes profundos pensadores.

Vimos que, por um lado, certa autoridade, delegada de qualquer jeito, e por outro, certa subordinação, são coisas que, independentemente de toda organização social, são-nos impostas com as condições materiais nas quais produzimos e fazemos circular os produtos.

E vimos, além disso, que as condições materiais de produção e de circulação se ampliam inevitavelmente com a grande indústria e com a grande agricultura, e tendem cada vez mais a aumentar o campo desta autoridade. É absurdo falar do princípio de autoridade como de um princípio absolutamente ruim e do princípio de